



Starting Afresh from A Place of Light

Exaltação da Ordem da Santa Cruz 2008

Master General Glen Lewandowski, O.S.C.

“Devemos gloriar-nos na Cruz do nosso Senhor Jesus Cristo”

Ao visitar as diversas comunidades e confrades nas províncias pelo mundo, ouvi repetidas vezes de vários lados uma questão, um problema que preocupa sobre o lugar de honra e o sentido atual da Santa Cruz dentro da nossa Ordem. Na reivindicação dos nossos valores fundamentais, é certamente adequado que a identidade dos crúzios como irmãos da Santa Cruz mereça atenção eminente, inspiração nova e luz renovadora.

É minha esperança e oração que a celebração solene da Exaltação da Santa Cruz deste ano possa ajudar-nos a abordar a celebração do Jubileu da nossa fundação como Ordem da Santa Cruz pondo em evidência a nossa identidade como os irmãos da Santa Cruz.

A maioria dos autores crúzios observam que o nome original da nossa Ordem, *fratres sanctae crucis*, Irmãos da Santa Cruz, se estende para trás até a lenda muito antiga da santa Helena sobre a sua fundação da primeira ordem da santa cruz em Jerusalem. A esta primeira irmandade foi confiada (literalmente) a guarda da cruz, recentemente descoberta. Em ícones da Exaltação da Santa Cruz, é vista Santa Helena, pintada num lado da cruz altamente erguida, apresentando a sua descoberta ao bispo de Jerusalem, e, no outro lado, os irmãos da santa Cruz, aceitando o serviço destinado a honrar e guardar a cruz.

Esses irmãos da Santa Cruz da santa Helena também foram encarregados de usar um emblema da cruz, costurado nas suas vestes para comunicar por meio deste sinal (*per figuram*) visível ao olho contemporâneo, o triunfo da madeira (*lignum*) da cruz sobre o mal (*malignum*). Além desse visível sinal costurado, esses irmãos foram encarregados de uma obrigação moral (*moribus*) para dar claro testemunho daquele triunfo alcançado sobre o mal pela madeira da cruz. Por estas razões, assim nos conta o poema crúzio, eles são chamados de *fratres sanctae crucis*.

Qualquer que seja o verdadeiro valor histórico desse antigo poema crúzio (*ad colendum mente pura*), fica claro que ele concentra um valor artístico e moral assim como um espírito de motivação e inspiração apostólica para os crúzios do século XIII que o escreveram. A primeira razão espiritual porque os crúzios da segunda fundação são considerados irmãos da Santa Cruz tem a ver, literalmente, menos com a guarda da relíquia de madeira em Jerusalem (326) e, falando moralmente, mais com o exemplo e o testemunho de vida, com o oferecimento de um testemunho digno de crédito e evidente da glória e vitória da madeira da Cruz sobre o mal. Os irmãos da Santa Cruz tiveram que cumprir uma obrigação (*egit*): manter vivo uma lembrança constante do triunfo glorioso de Deus pela Cruz.

A linguagem desse clássico poema crúzio é solidamente sacramental e exegética. Os próprios irmãos da Cruz são um sinal externo - tanto no traje público como na conduta manifesta - do profundo mistério da Cruz. A Cruz como mistério apontará sempre fora de si mesma para o campo do plano e projeto divino de salvação para o mundo: o plano que Deus ten-

sionou era a vitória (*salus*) sobre qualquer mal. Os irmãos da Santa Cruz perceberam que a vida deles estava sendo observada para sinais indicadores e acreditáveis do triunfo e vitória de Deus sobre o mal. Os irmãos, dedicados à Cruz, viviam pré-conscientemente um sinal proativo daquele mistério da Cruz: Deus que realizava na maneira de viver deles uma firme esperança fraterna de triunfo sobre o mal.

Através da história da Ordem, os crúzios, por causa do seu nome, sempre preocuparam-se a meditar e pensar sobre a sua identidade baseada neste divino nome elementar: Irmãos da Santa Cruz. Confrade Mattheus Vinken esboça como esta apropriação continuamente se renovando foi sempre pessoal e sempre litúrgica. A apropriação pessoal do mistério da Cruz muitas vezes refletia o contexto histórico contemporâneo. Quando se desenvolveu um humanismo fortemente cristológico, a apropriação meditativa tinha a tendência de ficar mais "humana" também. Assim, especialmente sob a influência de Bernardo de Clairveaux e franciscanos posteriores, os motivos do sofrimento humano de Jesus, sua dor física e, de acordo com isso, a nossa compaixão com Jesus, cresceram também como destaques entre os crúzios. Na sombra da teoria da reconciliação de Anselmo, a apropriação pessoal do sentido da Cruz para os crúzios também significou meditar sobre o preço alto e o sacrifício da redenção, restituindo a dívida do pecado e do mal. Os crúzios visaram, então, oferecer pessoal e empiricamente suas preces ressentidas de gratidão misturada com um santo tremor pelo fato que a raça humana foi comprada por tamanho preço.

Além disso, Vinken acrescenta que a apropriação litúrgica era, ao contrário, sempre mais mística e bíblica que primeiramente pessoal. Quando os irmãos da Santa Cruz estavam celebrando a liturgia, eles relataram a glorificação da salvação pela ação de Deus em Jesus Cristo: *magnalia dei*. A apropriação na liturgia era menos subjetiva, emocional e personalizada e mais eucológica, cósmica, objetiva, espiritual. Todo o novo povo de Deus foi beneficiado pela obra de Deus efetuada na Cruz. A liturgia crúzia respondia com alegria, júbilo e ação de graças. Vinken escreve: " Os mesmos gritos de alegria soam novamente no texto da Missa e do breviário nas festas da Descoberta e da Exaltação da Santa Cruz....celebradas como um segundo Páscoa." O grito de "salvação" in cruce foi normal ostentação crúzia.

Os irmãos da Santa Cruz ecoam vocalmente o louvor da igreja, quando reunidos na liturgia, louvando o Pai pelo mistério de amor efetuada dando tudo que Deus é e significa para a humanidade através da Cruz de Jesus. Esse misticismo litúrgico-sacramental para os crúzios parecia mais como aquele da igreja do primeiro milênio, onde misticismo significava apropriação da profundidade transpessoal e do sentido interno (*mysterium*) da Palavra e sacramento mais que ele começou a significar no segundo milênio, uma procura de intensificada experiência pessoal e emocional.

Para ser breve, vamos pular para o último século. As Constituições de 1925 da Ordem fizeram uma tentativa séria para especificar como os crúzios apropriam contemplativamente a Santa Cruz. Os irmãos dedicam-se para a Cruz por meditação e contemplação e instilam em outros o amor pela Santa Cruz através da conversa, da pregação e do bom exemplo. As Constituições de 1962 articulam algo semelhante, mas com uma leve variação: a Salvação encontra-se na Cruz do nosso Senhor Jesus Cristo. Por isso os irmãos devem viver em comunidade ... em amor unânime e combinar a vida apostólica em serviço da igreja com o divino ofício. Os irmãos devem principalmente venerar nosso Salvador, que nos conduz por sua Cruz para a alegria dos filhos de Deus. Todos os irmãos estimulam a veneração do mistério da Cruz vivificante tanto em si mesmos por meio do ofício divino e da meditação como em



outras pessoas por conversação, exortações e o bom exemplo.

Embora esses textos do século XX - quase por descuido - mantenham um destaque claro no serviço dos irmãos à Cruz por meditação e contemplação, o moderno "vamos ao assunto" acentua a meditação e a contemplação (ad intra) junto com a pregação, a conversação e o exemplo para outros (ad extra). A linha principal da justaposição parece ser a apropriação pessoal de um lado, e o ministério dirigido aos outros de outro lado. Além disso, a liturgia, por sua conexão estreita com a meditação, quase que parece - tão incomum aos crúzios - ser reduzida à devoção pessoal (ad intra).

Os crúzios contemporâneos, na véspera da nossa celebração do Jubileu dos 800 anos da nossa fundação, fazem bem em colocar de novo a questão da identidade. Quem somos nós e como somos os irmãos da Santa Cruz? Provavelmente, sempre haverá razões pessoais e experimentais para cada um dos irmãos para ser dedicado à Cruz de Jesus, razões e imagens escolhidas da sua própria meditação pessoal, experiências da vida, toques com o mal e falhas. Todavia, o grande jubileu dá uma justificação especial para responder a questão da identidade crúzia por meio de uma atenção mais ampla à história e à continuidade da igreja com a tradição transpessoal mais longa. Os *fratres sanctae crucis* do século XIII foram capazes de experimentar na sua própria fundação como Ordem da Santa Cruz uma re-fundação, uma segunda identidade fundamental e um Começar Novamente na sua ligação com a nova instituição e encargo da Helena para os *fratres sanctae crucis* no tempo da descoberta da Cruz. A continuidade da identificação entendeu-se como uma participação no triunfo de Deus na Cruz de Cristo e uma vitória sobre todo mal, humano e desumano durante toda a história.

Especialmente os nossos membros mais jovens estão, no decorrer da sua formação inicial e estudo teológico, novamente examinando a identidade dos irmãos da Santa Cruz e sua própria ajustagem adequada nesta irmandade da Cruz. Encorajo calorosamente esta procura e pesquisa na teologia crúzia da Cruz. É importante para todos nós e para a futura vitalidade do nosso carisma. Meditem-na, contemplem o mistério, e partilhem aquilo que descobrirem. Escrevam por extenso, pintem and cantem o que ficarem sabendo. A ampla variedade de teologias disponíveis e espiritualidades contemporâneas da cruz, da redenção, da reconciliação, salvação e libertação merecem os melhores esforços pensativos e a consideração dos nossos jovens pensadores para manter vivos e sadios a herança e o carisma que nos foram dados. As nossas comunidades devem ser lugares de luz e esclarecimento para os nossos candidatos e, mais certamente ainda, lugares onde todos nós sejamos irmãos da santa Cruz, celebrando e identificando-nos com o grande mistério do triunfo que Deus efetuou para todos os tempos e lugares, para todos os povos e culturas, na Cruz de Jesus, levantada no plano de Deus para experimentar vida nova com Cristo nosso Senhor. A nossa vida, vivida em comunidade como *fratres sanctae crucis*, é, ela mesma, uma proclamação apostólica daquela boa nova. Mesmo em 2010, a identidade crúzia como *fratres sanctae crucis* sempre reunirá uma experiência tanto pessoal como litúrgica desse mistério da Cruz, que Deus manifestou como sua Palavra final: salvação.

